MUTIRÃO DO GRAFITE

MV Hemp

Parto da vertente da memória, da rua, da cultura de rua e dos povos ancestrais e por aí vai. A galera da academia sempre reconhece nosso trabalho, incentiva, mas tem uma distância entre a academia e a população. Meu trabalho começa mais ou menos em 89, a partir da cultura de rua do elemento da pichação. Eu morava em Madureira e era muito engraçado ver os jovens fazer reuniões em lugares diferentes de Madureira e aí eu fiquei maior e comecei a frequentar. A partir disso eu comecei a entender que tinha rede, que tinha preservação de memória e eles se comunicavam com toda a cidade entre eles e aí eu comecei a mergulhar. Falei "opa, isso aí é avançado. Isso não tem nada a ver com o que eu tô aprendendo na escola."

Eu venho de uma família de professoras, minha mãe, minha tia, pela formação acadêmica, resistência. E aí eu comecei a ver aquilo muito diferente, era marginalizado mesmo, imaginam 89, 90, baile funk pegando fogo, a cidade realmente caótica, não chega nem aos pés do que é hoje. Então era muito confuso, mas mesmo assim eu mergulhei. E aí eu comecei a pichar, comecei a entender a dimensão da cidade. Observar a cidade do alto é outra coisa, observar a cidade daqui é uma coisa, você sentir a sensação do risco, que nem eu sei definir o porquê, é outra coisa. E aí o tempo foi passando né, anos 90, chegou a cultura de rua e seus outros elementos como o Grafite, o Rap, o Break, e aí isso tudo foi somando.

Quando foi em 96, 97, aí eu já estava sacando melhor as coisas, para mim já não era mais uma cultura tão marginal, era cultura rica e que não era entendida pela sociedade. Nunca chegaram para conversar, aparecia uma matéria no jornal classificando esses jovens como jovens marginais, e aí em 97 eu trabalhava na Light, entregava conta de luz em todo o Rio de Janeiro, sempre tive uma dimensão boa da cidade do Rio. Eu acho que quem não tem essa dimensão se atrapalha em narrar a cidade, em entender memória. A partir disso eu comecei, no centro, sempre o centro que não é o centro pela história de todo mundo. O centro da cidade, que não está no mapa, mas está inserido na história de todo mundo. Ai em 97 comecei né, Hip Hop, eu pichava e dialogava com todo mundo. Dialogava com a galera do Funk, galera da torcida de futebol, estava dialogando. Era um simples diálogo.

E aí em 97, 98 a galera "cara, você tem que rimar" aí eu "que rimar cara, que isso?" e eles "Rimar cara, fazer batalha" e eu falei "Po batalhar o que. Já batalho pra voltar pra casa. Polícia ta lá, maior terror direto.". Aí eu fui a uma batalha, nessa batalha eu entendi. No começo da batalha, que hoje em dia se perdeu um pouco, era um diálogo de quem era mais sagaz no seu dia a dia, e aquilo me encantou. E aí eu "Cara eu posso dialogar com outro, e falar de outras coisas do meu território, na sagacidade de pichar, nessa necessidade de estudar, pô legal, gostei.". Como eu já tinha dentro de casa o desenvolvimento do português, o vocabulário por causa da minha mãe e da galera da formação acadêmica, foi interessante, na primeira vez que eu batalhei, eu ganhei. Ai a galera já ficou como, inflada né. E aí eu "tá, vamos continuar mergulhando nessa parada.", continuei mergulhando e comecei a entender de forma mais grandiosa e como o universo era complexo, gigantesco e cheio de coisas. Esses meus amigos, naquele momento 97, 98, a gente tinha uma sede em comum: a gente não aceitava esse retrato de cidade, ou esse retrato de cultura que as pessoas vendiam. Nesse período, a cultura de rua, imitava a América do Norte e isso me incomodava bastante.

E aí dentro do Rio de Janeiro, eu sempre ficava perdido, porque eu não tinha referência, eu ia para o jogo da serrinha, ia pro samba em Madureira, ia para as paradas, voltava, ia para as batalhas e ganhava. Até que eu fui convidado para apresentar as batalhas, então a projeção das coisas estava caminhando rápido. Aí eu viajei, um amigo meu me disse "Vamos viajar cara, aqui não tá dando mais não, tá ligado." A gente foi pra Pernambuco e quando eu fui pra Pernambuco, aí sim eu entendi o que era memória, como se preservar a memória, como fazer isso sem grana, como fazer isso fora da Academia, e a partir disso, eu fiquei uns 4 ou 5 meses lá em Pernambuco com coletivos que já atuavam nas periferias, que já mantinham suas memórias vivas, o Maracatu, através da Contação de histórias e várias outras formas.

Quando volto de Pernambuco eu recebo um convite do CIC, Centro Interativo de Circo, que rolava na Fundição Progresso, para trabalhar lá, apresentar propostas. O trabalho era esse, apresentar propostas, porque eu morava em Bangu, morava na favela e os caras "Você manda bem cara, dialoga legal com as pessoas. Apresenta uma proposta pra gente aí.", aí eu "Pô cara tô preocupado com a memória, entendeu? Acho que esse padrão de memória não condiz com a realidade do povo. O povo pouco visita, entendeu, esses espaços estão ficando pra quem?". Falei que queria manter a memória, ou queria achar uma maneira de manter essa memória através da cultura de rua. Eu já tinha uma bagagem, já estava viajando, a gente viajava de forma muito independente, a gente produzia roupa, camisa, boné, vendia nos lugares para galera super fácil. A gente ia para os shows, cantava, vendia, juntava nossa grana da passagem, tinha os coletivos, tinha a própria faculdade que recebia a gente também, a gente se articulava bastante. E a gente conseguia ficar nesses dormitórios de faculdade, a galera já estava se interessando por uma coisa que a gente nem sabia que estava produzindo, olha como era legal.

E aí foi dando certo, a partir disso nessa época eu já passei a escrever edital, primeiro governo do Lula, a galera já estava botando pilha. Comecei a escrever edital, comecei a ganhar edital. No primeiro ano que eu escrevi eu ganhei, e aí apresentava uma proposta "ah vamos fazer um conto pra dialogar Hip Hop, cultura regional e não sei mais o que" e o cara "10 mil". Então o que que eu e os meus amigos fazíamos "10 conto cara, como vamos investir nessa parada?". Primeira coisa que a gente fazia era dobrar o dinheiro, investia no produto de alguém que a gente achava que era fod@ a ideia. Graças a Deus a gente sempre conseguia dobrar a grana. Depois disso a gente investia nas ações, aí nasce minha relação com a memória, porque aqui no Rio de Janeiro a gente tem muitas comunidades. Eu comecei a ir nessas comunidades para entender a memória de cada comunidade, que é a coisa mais difícil de se fazer, porque eles têm memória, mas eles não sabem como guardar.

Em Recife a galera estava guardando a memória através do Grafite e isso me encantou, eu chegava no Pina em outras comunidades que todo mundo tinha medo de ir. Chegava lá, encontrava os grafiteiros, trocava ideia. Os caras passavam o dia inteiro na comunidade ouvindo as histórias das tias de coco e outras histórias, depois iam e grafitavam nos muros e eu "Caraca, por que no Rio o Grafite não é assim? Porque a gente fica imitando o Grafite da América do Norte as vezes? Isso não faz sentido.". E aí, logo quando eu voltei pro Rio, eu comecei a botar pilha na galera pra gente fazer um Mutirão de Grafite.

O que é o Mutirão do Grafite? A gente junta uma cabeçada que gosta de pintar, que gosta de arte, marca um e o ponto de encontro e vai todo mundo junto para uma favela. A gente andou várias favelas no Rio e o Mutirão de Grafite, graças a Deus, virou epidemia por todo o Brasil. Em livros, pesquisadores entrevistando a gente, tudo em vídeos, é fácil de pesquisar, é fácil de saber, não

é um projeto meu é um projeto da Rede de Residência Solidária, da galera de Recife, mas eu tive a oportunidade junto com a galera de vários coletivos que eu represento de trazer para o Rio de Janeiro. A parada deu super certo, a partir daí eu abracei com muito mais sede a ideia de memória.

Recebi um convite do Ministério da Cultura de transitar entre as regiões do Brasil, transitar nessas periferias do Brasil. O que aconteceu na época que eu recebi esse convite? Eu recebi o convite de investigar essas periferias e o que acontecia é que tinham vários acadêmicos, vários pensadores, galeras mas, quase nunca eles queriam ir nas tais "áreas de risco", só que eles precisavam saber melhor qual a demanda cultural das áreas, classificadas pelo nosso Estado, como "áreas de risco". E aí alguém me indicou uma pessoa que faz parte de um coletivo no Comando Selva, "Eles viajam de forma independente, eles estão trazendo o lado regional para o Hip Hop." E aí eles chegaram até mim através do Circo Voador, eu sempre ficava por lá fazendo as oficinas e então eu fui, comecei a viajar por todo o Brasil. Passagem paga, viajar o Brasil, receber salário, era muito interessante. E eu nunca ficava em quarto de hotel, eu achava que a melhor maneira de aprender era na comunidade mesmo. Nunca acreditei em história de jornal, história de livro para narrar a comunidade, é um pouco estranho isso né, mas mergulhei. Eu fiquei durante dois anos pesquisando periferia, tenho bastante registro, tenho os escritos, os HDs, porque nessa época eu já filmava, ainda não transformei em nada, tô vendo o que que vira. Esse meu amor pela memória era como se ele fosse se refinando, a partir de 2005 todo edital que eu escrevo ele tem um lado muito forte com a parte de manter a memória da periferia. E eu entendi que através da cultura de rua foi o viés mais fácil que eu achei de manter a memória da periferia viva e não só manter, mas formar esses jovens de dentro da periferia para que eles mantenham a memória.

Estamos em tempos de tecnologia né, o celular é a ferramenta perfeita pra isso pra se manter a memória e o trabalho só vem crescendo. Só que a gente da cultura de rua, eu não sei se isso é um problema, entra em uma vertente meio invisível. Quando os professores acadêmicos acham a gente eu fico até feliz, porque é uma forma de crescer a rede. O trabalho é assim, a gente tem uma sede tão grande para fazer com que essas periferias consigam manter essa memória, que a gente basicamente se fecha para tudo. A gente não se fecha querendo, é que não tem tempo mesmo. Você pega o Jacaré, você pega a Rocinha, a Zona Oeste do Rio de Janeiro, gigantesca, como é trabalhar memória num lugar como esse? Como é visitar, escutar, apurar o fator que se é passado, que precisa ser muito apurado, ler livro, fazer a pesquisa interna, entende? E aí acaba que nesse caminho, às vezes, a gente fica isolado. Graças a Deus a gente encontrou muitos parceiros na academia que foram ajudando a gente a trilhar cada vez melhor nosso caminho. Tem a Rosi Campos, tem milhares de pessoas que o nome eu não lembro agora.

Dentro dessa caminhada também tiveram outros projetos. Vou citar alguns aqui e é só investigar porque é fácil. A Roda de Rima, a gente tem o CCMP, ou seja, muito carioca entende de ritmo e poesia. A gente sempre foi muito bolado com o sistema, eu acho que o sistema aliena demais todo mundo, muito. E aí a gente começou a pensar em encontros nas praças públicas, para esses encontros funcionarem como escolas a céu aberto. A gente inventou um no centro, que todo mundo veio visitar, gostou e a partir daí a ideia se multiplicou as pessoas vieram perguntar para gente se podiam reproduzir isso no bairro. Hoje em dia isso se reproduziu no Brasil inteiro, a gente não precisou de um centavo, é a maior ferramenta da juventude atualmente, são os encontros em praças públicas dialogando e trocando saberes. Funciona como uma faculdade, só que a céu aberto.

O que eu quero deixar aqui, bem claro, é que a gente ainda precisa dar mergulhos muito profundos, a gente precisa de fôlego porque nessa questão da memória a gente tá perdendo. Nossa memória tá indo para o ralo rapidamente, depois da internet então foi mais rápido ainda, as pessoas estão confundindo pesquisar, confundindo muito. Às vezes o cara tem uma liderança sobre os outros 80, referência do lado de casa e ele prefere saber de outras coisas. Às vezes o cara até se comunica, ele sabe, com a família e ele não sabe como manter essa parada. Eu vim dando oficina de rede multimídia formando esses coletivos culturais porque eu acho que é uma saída. E é isso. Só que a gente precisa se conectar mais, a gente precisa entender memória a partir de outros laços, eu bato na tecla da metodologia do afeto que é chegar, apontar, dialogar, ouvir e aí sim, depois, propor algo, pensar bem antes de propor algo e investigar.

Eu acho que o Rio de Janeiro precisa ser bastante investigado, a gente está em um momento confuso, a gente vai para outros lugares a as pessoas estão mantendo a memória de forma linda e aqui a gente tem incentivo, tem grana e não está mantendo a memória. O que eu acho é que a gente precisa construir mais redes parecidas com essa, Danielle você é fod@ porque você percebe a complicação da rua, convida, dá ideia e soma. É isso. A faculdade as vezes funciona assim, mas às vezes não funciona e a gente precisa ser claro nisso.